

Imprensa Nacional  
Biblioteca Machado de Assis



B0015715

F  
630  
D218



**CÂMARA DOS DEPUTADOS**

ARGILANO DARIO  
Deputado Federal

# A AGRICULTURA NO ESPÍRITO SANTO

Discurso proferido na sessão  
de 30 de novembro de 1972

F 328.32  
D218a

AMENTO DE IMPRENSA NACIONAL  
Brasil - 1973



CÂMARA DOS DEPUTADOS

ARGILANO DARIO  
Deputado Federal

A AGRICULTURA NO  
ESPÍRITO SANTO

Discurso proferido na sessão  
de 30 de novembro de 1972

F 328.32  
5) 218a

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL  
Brasília — 1973

B0015715

O SR. ARGILANO **DARIO**: (Como *Lider*)

Sr. Presidente, Srs. Deputados, no Estado do Espírito Santo, as principais fontes de renda municipal sempre foram a agricultura, antes, e a pecuária, em seguida, uma vez que o agricultor passou a ceder terreno ao pecuarista, desde que os grandes cafezais erradicados foram sendo substituídos por infindáveis pastagens destinadas ao bovino.

Como não poderia deixar de acontecer, isto foi um dos fortes motivos que estimulou o acentuado êxodo rural que se verifica naquele Estado, pois todos nós sabemos que "o boi, aonde chega, expulsa o homem". Uma fazenda com centenas de cabeças de boi pode ser cuidada por um capataz e, talvez, um vaqueiro, enquanto que uma região plantada garante trabalho para dezenas de famílias.

Conforme consta da história capixaba, o povoamento do interior do Estado se deu com as inúmeras levas de imigrantes italianos e alemães, que, a partir do Porto de Vitória, penetraram por Cachoeiro de Itapemirim, Santa Tereza, Colatina e se estenderam por todo o Vale do Rio Doce. E toda essa epopeia deu argumento para romances famosos como o "CANAA", de Graça Aranha, e outros da esplêndida escritora Virgínia Tamanini, para citar apenas dois exemplos.

O cultivo da terra, Sr. Presidente, sempre foi o escopo principal de todos aqueles colonos, aos quais se foram juntar, mais tarde, muitos retirantes das conhecidas secas nordestinas. Estes, cearenses sobretudo, espalharam-se pelo norte misturando-se com os italianos e formando progressistas comunas como a que vemos, hoje, em Nova Venécia, no coração do norte capixaba.

Gerações inteiras foram criadas à sombra dos cafezais, no Espírito Santo, e não foram poucos os velhos lavradores de origem alemã ou italiana que relutaram em aceitar o dinheiro do Governo para erradicar seus bem plantados cafezais. Eles os tinham em conta de "patrimônio familiar" e com muito orgulho, Sr. Presidente.

DEPARTAMENTO DE IMPRESSA NACIONAL		
BIBLIOTECA		
N.º	1	DATA
F126		18/6/73

Mas "não há mal que sempre dure, nem bem que não se acabe", e o poder aquisitivo de caráter imediato proporcionado pelo dinheiro que o Governo estava oferecendo venceu as últimas resistências. E o café foi **erradicado**. O patrimônio familiar, que sustentara gerações, foi sendo derrocado pelos filhos mais novos, deixando nos velhos a sensação de estarem sendo traídos, traindo-se assim toda uma tradição, em troca de alguns míseros cruzeiros.

Muitos **deram** continuidade aos planos governamentais e plantaram novas lavouras, com orientação técnica, inclusive quanto à altitude aconselhada pelo IBC. Mas foram poucos.

Sofrimentos. Lágrimas. Trouxas arrumadas às costas com destino a uma favela da Grande Vitória. Famílias na miséria, após utilizarem o dinheiro ganhado na erradicação, pois ficaram sem a renda assegurada da colheita anual que o café lhes proporcionava. Muitas coisas aconteceram e, por si só, o falo inspiraria um romance, ou vários, a algum arguto observador, desses do quilate de uma Rachel de Queiroz, com suas narrativas fabulosas sobre os retirantes nordestinos.

Agora se fala que o Brasil deverá importar café da África para alimentar sua indústria de café solúvel. Fazendo as devidas comparações, tudo se nos apresenta, até mesmo, de maneira um tanto cómica.

Não que fôssemos contra a substituição de lavouras velhas por lavouras novas. Isto se fazia necessário, é preciso reconhecê-lo.

Entretanto, por que não aplicar com mais calma e com mais adequação uma política de tão grande porte, levando-se sempre em conta as consequências que adviriam de uma modificação drástica e apressada, tanto do ponto de vista econômico como do social?

O aspecto social da questão é o que nos interessa ressaltar nesta análise, Sr. Presidente.

Vitória é uma ilha, não apenas porque está cercada de água por todos os lados, mas, igualmente, porque está cercada de favelas por todos os lados.

Certo é que os cortiços se estendem por toda a Grande Vitória. Entretanto, não faltam os que, a exemplo dos "Alagados" de Salvador, na Bahia, ou dos "mocambos", do Recife, existem milagrosamente por sobre os mangues, em palafitas de horrível aspecto.

À marginalização do indivíduo, que não encontra mercado de trabalho na Capital, por seu inteiro despreparo intelectual — alfabeto que é — ao chegar do interior; a desagregação da família

que, passando a viver num ambiente **completamente** oposto ao seu, sem a segurança e a tranquilidade do meio rural, sente-se desprotegida e exposta a problemas de toda espécie; a **ampliação** do autêntico "mercado humano" em que se convertem, **paulatinamente**, as zonas de prostituição; o crime e diversas outras formas de **atentados** contra a lei e a segurança da comunidade são apenas alguns aspectos do que se chama êxodo rural, que tem ocupado a inteligência de tantos sociólogos.

Entretanto, ao mesmo tempo em que **levas e mais levas** de antigos lavradores são obrigadas a deixar suas terras, porque o patrão não tem mais serviços para esses homens, ou porque eles mesmos, antigos proprietários de boas lavouras de café, tendo-as **erradicado e aplicado mal** o dinheiro apurado, caminham para as cidades — e aqui não nos referimos tão somente à **Capital**, senão também às pequenas cidades, sedes municipais — surge um outro tipo de problema igualmente grave: os campos ficam **desprotegidos**.

Ora, Sr. Presidente, sabemos que 50% dos 24 milhões de argentinos vivem na chamada "Província de Buenos Aires", dos quais, mais de 6 milhões dentro da própria Capital portenha. Sabemos que 3 milhões, dos 9 milhões de chilenos, estão em Santiago do Chile. Em outros países também acontecem fatos semelhantes. No entanto, são grandes produtores **agropastoris**. Por que com o Brasil não haveria de acontecer o mesmo?

Todavia, precisamos considerar que, em decorrência do clima e de vários fatores, são diferentes dos nossos os produtos ali cultivados e muitos deles não exigem a presença permanente do homem junto às plantações. Ou, então, como é o caso de vários países, a lavoura é quase inteiramente mecanizada, racionando o trabalho de participação do homem pelo emprego de modernas e singularmente produtivas máquinas agrícolas, como é o caso dos campos de trigo do Canadá.

No Brasil, pelo menos na região do Espírito Santo, nem cultivamos comercialmente produtos que não sejam tropicais, nem dispomos de lavoura mecanizada que dispense o trabalho do homem.

Só agora se está ensaiando, timidamente, um ou outro passo no sentido da eletrificação rural, pressuposto básico para a mecanização, visto que só através da melhoria dos padrões habitacionais e de higiene, atualizando-se com tudo o quanto se passa no País e no mundo, através do rádio, em especial da televisão, poderá o camponês ser orientado e conscientizado no sentido de uma mudança radical em seus costumes tradicionais de plantio e cultivo da terra.

Com a desproteção dos campos, ocorre, forçosamente, o aumento de custo dos gêneros de primeira necessidade, tais como o

milho, o arroz, o feijão, e outros mais, sempre cultivados ao lado do café. Acontece que eles desaparecem do mercado e precisam ser importados, com fretes onerosos, de outros Estados.

Paralelamente a isto, está todo um amontoado de injustiças sociais, em que o fazendeiro rico transforma centenas de alqueires de terras cultiváveis em pastarias, que se perdem no horizonte, e é preciso percorrê-los de carro ou a cavalo para se atingir a sede ou um dos extremos.

E a procissão de empobrecidos vai se afastado, já emagrecida pelos problemas que começou a enfrentar, longe do seu pedacinho de terra. E dá lugar ao boi, que já começa a engordar na folgada existência que lhe permite o pasto viçoso, cercado-o maciamente por todos os lados.

Então a terra passa para as mãos de uns poucos, e só esses poucos ficam usufruindo a posse da terra que Deus fez para todos os homens capazes de cultivá-la e dela arrancar, com o suor de seu rosto o pão para os seus filhos.

Que vemos, então? Primeiro: a superpopulação dos centros urbanos, com elevação do índice de marginalidade do indivíduo e da família; Segundo: o encarecimento dos gêneros de primeira necessidade, em decorrência do abandono dos campos; Terceiro: a monopolização da terra, transformada em imensos latifúndios destinados à concentração das riquezas nas mãos de uma minoria privilegiada.

Que se pode propor para sanar, em parte, tantos males? Primeiro: Reforma Agrária, antes de tudo, pela equânime distribuição da terra cultivável a todos os que queiram cultivá-la, levando o homem de volta ao campo, facilitando-lhe os meios de cultivar a terra e orientando-o no sentido de um cultivo o mais produtor possível.

Este, Sr. Presidente, seria, acreditamos nós, o grande passo para iniciar a solução dos problemas advindos do êxodo rural, repovoando os campos e desinflacionando a superpopulação urbana, com o consequente e necessário equilíbrio do custo dos gêneros alimentícios.

Reconduzir o homem ao campo, criando-se-lhe uma política de benefícios e facilidades compatíveis com tal necessidade econômico-social, deve ser a meta de todo e qualquer governo interessado, honestamente, em promover o bem-estar da coletividade.

Sempre fomos um País essencialmente agrícola, Sr. Presidente, e não será agora que, de uma hora para outra, o roncar de algumas fábricas a mais transformará, do dia para a noite, o Brasil num país industrial.

Nem nós acreditamos em "milagres", nem nos julgamos suficientemente inocentes a respeito das condições sociais do nosso povo, para desejar merecê-los. "Milagres" por convicção religiosa, isto sim, e vamos lá; mas "milagres econômicos" com salários de fome e concentração de riquezas, isto é que não!

Aqui não vai pessimismo, mas, *tão-somente*, um pouco de conformidade com o que é real e patente aos nossos olhos.

De que valem fábricas produzindo assombrosamente e empregando multidões inteiras de operários, se muito mais do que isto precisa ser produzido e se outras multidões, autênticas massas humanas, esperam para serem empregadas, amontoadas nas favelas ou sob as *marquises* noturnas?

Um País se transforma aos poucos, porque a História não tem pressa.

Na agricultura, ainda está a solução para o Brasil, Sr. Presidente. Na distribuição da terra, com justiça, ainda está o mínimo que se pode fazer pela melhoria dos padrões de existência da pessoa humana, levando-a à participação efetiva no desenvolvimento da Pátria, que tem por divisa o glorioso incentivo "ORDEM E PROGRESSO"! (*Muito bem. Palmas. O orador cumprimentado.*)